



INFORMATIVO

O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

370 anos da Segunda Batalha dos Guararapes - 230 anos da Inconfidência Mineira

130 anos da Proclamação da República - 120 anos da Revolução Acreana

ANO 2019

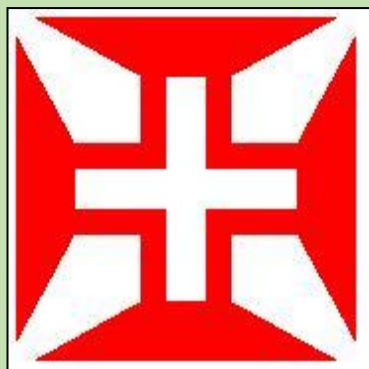
Março

Nº 310

As Ordens Militares portuguesas na expansão ultramarina lusa

Luiz Eduardo Silva Parreira

Aluno da UNISUL de SC



Para se entender o papel desempenhado pelas Ordens Militares portuguesas na expansão ultramarina de Portugal é preciso ter em mente três fatores que, ao final, responderão à pergunta.

O primeiro fator é o **surgimento de Portugal como estado nacional**, em 1143. Até esta data, a região onde é Portugal teve vários conquistadores, como gregos, fenícios, romanos, bárbaros e por fim, muçulmanos, os quais invadiram o sul da península Ibérica em 711. A partir daí, inicia-se a resistência dos cristãos da península, capitaneadas pelos reis católicos dos reinos situados no Norte dela. *“Ao findar do século VIII, a expansão dos reinos cristãos de Astúrias e Leão pôs fim ao reino mourisco ao Norte do rio Douro.*

Em 1064, Fernando I, rei de Leão e Castela, levou a Reconquista da terra portugalensis¹ até o Mondego”².

Essas guerras entraram para a história como as Guerras de Reconquista.

Anos mais tarde, um nobre francês, de nome Henrique de Borgonha, juntou-se às lutas de Reconquista. Como recompensa por seu auxílio na expulsão dos mouros, desposou uma das filhas do então rei de Leão e Castela, Afonso VI, e recebe a administração do condado Portucalense em 1095. A outra filha de Afonso VI casa-se com outro nobre francês, Raimundo, cujo filho herda o trono de Afonso VI, assumindo o reinado de Leão e Castela como Afonso VII. Contudo, o filho de Henrique, Afonso Henriques, se nega a prestar vassalagem a seu primo em 1128 e torna Portugal independente de Castela. Mas somente em 1143 é reconhecido como rei, depois que prestou vassalagem à Santa Sé³, ficando conhecido como Afonso I.

O poeta Luís de Camões menciona este importante marco na história portuguesa, na estância 13 do Canto I, de os Lusíadas:

“Pois, se o troco de Carlos, rei de França,

¹ Expressão derivada de Portus Cale, povoação romana à margem do Douro.

² BENTON, William (org.). Encyclopaedia Britannica Barsa. Volume 11. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica Editores, 1973, p. 164.

³ BENTON, op. cit., p. 164.

Ou de César, quereis igual memória:
 Vede o primeiro Afonso, cuja lança
 Escura faz qualquer estranha glória,
 E aquele que a seu reino a segurança
 Deixou, com grande e próspera vitória;
 Outro Joane, invicto cavaleiro,
 O quarto e quinto Afonsos e o terceiro”⁴.

Com efeito, de Afonso I (1109 - 1185) até Dom João I (1357 - 1433), o “mecenas” da expansão ultramarina lusa, houve o fim da Reconquista, muitas brigas, desentendimentos, revoltas e guerras, entre os próprios portugueses, os castelhanos e os mouros. Mas mesmo assim, na maior parte do tempo os monarcas portugueses puderam se preocupar na consolidação do reino, havendo já um indício da vocação naval com Dom Dinis (1279 - 1325), que “estreitou os contatos com a Europa ocidental, fundou a Universidade de Lisboa e uma esquadra. O comércio se expandiu e o monarca mostrou seu interesse pela agricultura e construção naval (...)”⁵.

O segundo ponto importante é a **vinda dos Cavaleiros Templários para Portugal**. Entre 1099 e 1118, Pascoal II era o Papa. No seu pontificado foram criadas as ordens cavaleiras dos Templários, dos cavaleiros Teutônicos e dos cavaleiros Hospitalários⁶. Em meados do século XII a Reconquista ainda não estava completamente consolidada em Portugal e a importante rota do Tejo precisava ser defendida. Afonso I serviu-se então dos talentos militares de Gualdim Pais, Grão-Mestre da Ordem dos Cavaleiros Templários em Portugal. O rei doou terras para a Ordem a fim de que ela as usasse para a defesa do reino. Para tanto, Pais, que havia lutado por cinco anos no Oriente Médio, construiu castelos utilizando-se das mais modernas técnicas da época. Um deles, o castelo de Tomar, de 1160, tornou-se a sede dos Templários em Portugal.

O Professor Luís Pequito Antunes⁷, do Instituto de História Contemporânea (IHC) da Universidade NOVA de Lisboa, lista as seguintes áreas como sendo dos Templários, em Portugal: Pombal, Abiul, Murta, Bezelga, Atalaia, Golegã, Ega, Redinha, Pelariga, Dornes, Tomar, Almourol⁸, Cazegas, Alpedrinea, Gilvares, Escalos, Rodão, Montalvão, Alpalhão, Salvaterra, Marmeleiro, Touro e as adjacências desses locais.

Camões também relembra, na estância 25 do Canto I de *Os Lusíadas*, as duras pelepas pelo controle do Tejo:

“Já lhe foi (bem o vistes) concedido,
 Cum poder tão singelo e tão pequeno,
 Tomar ao mouro forte e guarnecido
 Toda a terra que rega o Tejo ameno.
 Pois contra o castelhano tão temido
 Sempre alcançou favor do céu sereno;
 Assi que sempre, em fim, com fama e glória,
 Teve os troféus pendentes da vitória”⁹.

Figura 1 (abaixo): Alguns dos castelos erguidos pelos Templários, adjacentes às suas terras.

⁴ CAMÕES, Luís. **Os Lusíadas**. Edição comentada. Rio de Janeiro: BiBliEx, 1980, p. 81.

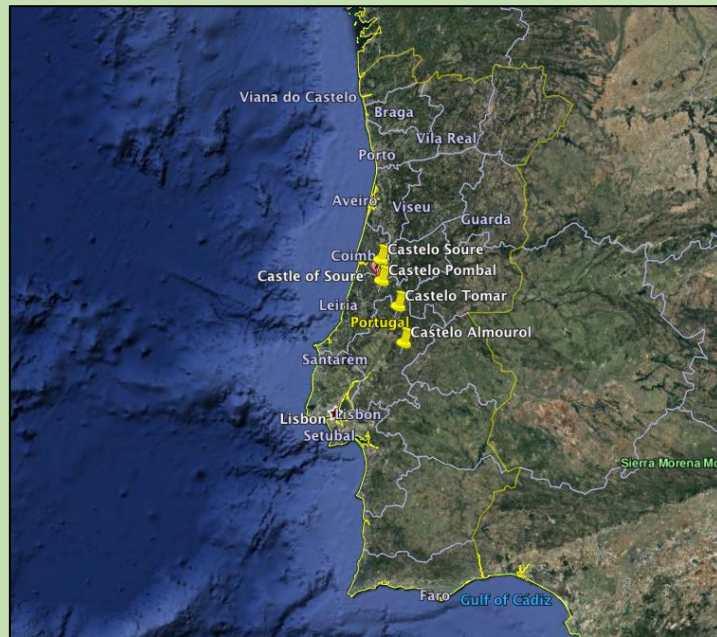
⁵ BENTON, op. cit., p. 165.

⁶ LOPES, Antonino. **The Popes. The lives of the pontiffs thought 2000 years of history**. Roma: Futura Edizione, op. cit., p. 55.

⁷ Entrevista com o Historiador da Arte, Paulo Pereira, sobre o Castelo de Tomar, o Convento de Cristo e a Charola. https://www.youtube.com/watch?v=sChTR_UF7as. Acesso em 10 de novembro de 2018.

⁸ O castelo de Almourol, em Portugal, é o símbolo da engenharia portuguesa e suas formas é que formam o escudo da Engenharia de Combate do Exército Brasileiro, daí que na letra da canção da Engenharia do Exército Brasileiro se cita o “Castelo Lendário”, pois esse castelo foi erguido pelos cavaleiros templários.

⁹ CAMÕES, op. cit., p. 25.



Fonte: Arquivo de Luiz Eduardo Silva Parreira

Pequito Antunes ainda assevera que a Ordem recebia tributos - o décimo - das pessoas que moravam nas vilas que surgiram ao redor dos castelos, bem como obtinham dinheiro das indústrias que mantinham ao longo do rio Nabão, do comércio de cereais e os oriundos das oliveiras¹⁰ de suas terras.

Com efeito, os Templários, surgidos como defensores dos peregrinos cristão que viajavam para a Terra Santa, com o tempo passaram a ser fiéis depositários do dinheiro deles, fazendo às vezes, o papel de banco, onde um fiel depositava seu dinheiro antes de partir, junto aos Templários, na Europa e, já no Oriente Médio, se dirigia à Ordem, que lhe entregava a mesma quantia que ele havia depositado quando partiu. Somado às doações, valores não requisitados pelos peregrinos, comércio de bens, administração de terras, empréstimos e o ingresso de filhos de nobres (e suas fortunas) na Ordem, os Templários passaram a administrar também uma grande quantidade de dinheiro, despertando a cobiça de muitos.

Em 1312, o Papa Clemente V, sob pressão do rei francês Felipe IV, extingue a ordem religiosa dos Templários, o que fez com que o monarca francês perseguisse e matasse muitos cavaleiros em seu país e ficasse com o dinheiro que eles lá mantinham. Em outros lugares da Europa começam haver também perseguições, o que fez com que muitos cavaleiros buscassem locais mais seguros.

Dom Dinis, que era rei de Portugal nessa época, reconhecendo o valor militar que a Ordem tinha para seu país, elabora um inteligente jogo diplomático junto ao Papa. Por fim, em Portugal, a Ordem dos Templários passa ser denominada **Ordem de Cristo**, mantendo os seus efetivos, bens e a mesma estrutura organizativa, agora também enriquecidos com mais membros, oriundos dos outros países¹¹, que trouxeram, além de suas experiências, seus conhecimentos e o dinheiro que administravam. Em detalhes:

“A Ordem Militar de Cristo foi instituída pelo Rei D. Dinis em 1318 e confirmada pela Bula *Ad ea ex quibus* dada pelo Papa João XXII em Avignon, em março de 1319. A Bula foi emitida a pedido do Rei D. Dinis para que a Ordem criada sucedesse à Ordem do Templo, extinta em 1311 pelo Papa Clemente V”¹².

Também é pelas mãos de Dom Dinis que outra ordem, a de Avis, passa a ter um caráter mais lusitano. Mesmo tendo sido criada por Dom Afonso Henriques, por volta de 1175, ela se submeteu à obediência da ordem castelhana de Calatrava, ficando assim até a intervenção daquele monarca.

¹⁰ A Ordem de Cristo. Fórum Produções. RPT. https://www.youtube.com/watch?v=-_ydPWJPotw. Acesso em 10 de novembro de 2018.

¹¹ FRANCO, José Eduardo. **Templários e a sua metamorfose portuguesa: a Ordem de Cristo**. <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/dossier/templarios-e-a-sua-metamorfose-portuguesa-a-ordem-de-cristo/>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

¹² Ordem Honoríficas Portuguesas. A Ordem de Cristo. Site da Presidência da República Portuguesa. <http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=120>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

“E o momento fundamental na história da Ordem está na designação de D. João, filho ilegítimo do rei D. Pedro I, como Mestre de Avis. A morte do Rei D. Fernando I e a crise de 1383-1385, acabou por ditar a subida ao trono do Mestre de Avis e o início da dinastia do mesmo nome”¹³.

A subida ao trono desta dinastia é o terceiro ponto para se entender a importância das Ordens Militares portuguesas na expansão ultramarina de Portugal.

A Ordem de Avis, entre os séculos XII e XIII, tinha sob sua administração as áreas: Alpedriz, Alcanede, Correia, Galveias, Couço, Mora, Pavia, Vimieiro, Seda, Avis, Alandroal, Terena, Noudar, Veiros, Estremoz e áreas próximas a essas.

O alinhamento desses fatores fez com que Portugal chegasse ao século XV na invejável situação de poder “consagrar todos os seus esforços a qualquer empreendimento”¹⁴, já que “a extensão territorial e a independência nacional eram problemas definitivamente resolvidos”¹⁵. Ao passo disso “Castela e França estavam a braços com alarmantes problemas político e militares dos quais dependia a sua definitiva constituição territorial”¹⁶. Bem como a Ordem de Cristo - que conseguiu morada em Portugal, justamente por ser um estado nacional - e a de Avis, tinham os meios pecuniários para o financiamento da expansão marítima portuguesa, com o intuito de levar com ela a fé Católica para todo o mundo.

Restava, assim, aparecer uma força que canalizasse as outras duas e cuja resultante lançasse Portugal para o que Camões denominava de salso argento¹⁷: o mar. E da dinastia de Avis surge o infante Dom Henrique, o Navegador, filho de D. João I (notável instigador da expansão marítima lusa)¹⁸, conquistador de Ceuta.

O Almirante João Carlos Caminha, na sua História Marítima, assim o define:

“Em meio ao primeiro quartel do século XV, a virtual capacidade portuguesa para a tarefa do descobrimento marítimo foi valorizada pela clarividente e firme intervenção de um homem - o infante Dom Henrique, comumente conhecido pelo epíteto de Navegador, não porque largamente tivesse navegado, pois não excederam Marrocos os seus maiores percursos marítimos, mas por se reconhecer que à sua ação decisiva se deveram o início e os primeiros êxitos da expansão ultramarina portuguesa. Fundando a Escola de Navegação e o Observatório, em Sagres, o infante D. Henrique não só proporcionou aos marinheiros portugueses elementos para mais arrojadas investidas contra o oceano, como também sistematizou as expedições marítimas que passaram a ser organizadas em obediência a diretrizes seguras. A bússola, o astrolábio e o quadrante já guiavam as expedições marítimas enviadas anualmente de Sagres¹⁹ pelo infante a sondar o oceano, ou a descer a costa para o sul. Porto Santo, a Madeira e os Açores foram por esta forma arrancadas às trevas do

¹³ Ordem Honoríficas Portuguesas. A Ordem de Avis. Site da Presidência da República Portuguesa. <http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=179>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

¹⁴ CAMINHA, João Carlos (Vice-Almirante). História Marítima. Rio de Janeiro: BiBliEx, 1980, p. 57.

¹⁵ CAMINHA, op. cit., p. 57.

¹⁶ CAMINHA, op. cit., p. 57.

¹⁷ CAMÕES, op. cit., p. 17.

¹⁸ BENTON, op. cit., p. 165.

¹⁹ Sobre Sagres, há alguns autores que acreditam ser a escola, em veras, um “estado de espírito”, mas não algo concreto. Contudo, um texto que merece ser lido e refletido - e que de encontro com essa versão espectral - é do Historiador holandês van Loon: “Nada, porém, mostra tão claramente as dificuldades das explorações medievais como o êxito medíocre do famoso Instituto de Sagres, que representava a última palavra na ciência da navegação e não olhava as despesas. Muitas vezes os navios com a sua bandeira levavam meses para cobrir a distância vencida em alguns dias pelos [navios] modernos. Cada vez que um novo cabo era dobrado, a data era festejada com aleluias e *Te Deums*. Um explorador contemporâneo de volta do Polo Norte recebe menos manifestações do que um capitão português quando anotava mais algumas milhas no mapa da costa da África. A diferença entre os verdadeiros grandes homens e os homens simplesmente grandes, é que os primeiros nunca têm pressa. Henrique o navegador editava seus mapas como Kreisler toca violino. Tinha muito tempo e era imenso o mundo. Não havia razão para se entusiasmar excessivamente, nem para fazer trabalho mal-acabado. Assim, gradualmente, começou a tomar feitiço a costa ocidental da África. Os Açores, perdidos durante tantos anos, foram redescobertos. Madeira, que por essa ou aquela razão permanecera esquecida por quase um século, deixou de ser um pitoresco fundo de quadro para as bonitas histórias de amor dos ingleses, e se tornou um definido embora mais prosaico ponto no mapa. O cabo do Bojador já não era o último limite dos conhecimentos geográficos. Veio depois o cabo Branco. No ano de 1445 foi a vez do cabo Verde. E antes da morte de Dom Henrique, um dos seus capitães se havia aventurado realmente até o cabo de Serra Leoa, e estavam prontos os trabalhos preliminares que permitiriam mais tarde a Dias contornar o cabo da Boa Esperança e a Vasco da Gama achar o caminho direto para as Índias” in LOON, Hendrik van. **América**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1957, p. 24.

mar (...) A empresa iniciada pelo infante D. Henrique prosseguiu [depois de sua morte, em 1460] nas mãos do rei D. João II que tomou o peito de descobrir os mundos remotos.”²⁰.

O historiador holandês, Hendrik van Loon²¹, no seu livro *América*, expõe um ponto importante quanto a Dom Henrique, o navegador:

“É mister notar desde logo que o interesse desse nobre príncipe nada tinha de comercial. O neto de João de Gand, o grão-mestre da riquíssima Ordem de Cristo não precisava correr atrás de dólares e de soldos. Além disso, era muito devoto, muito bom filho da Igreja, para se prender aos bens passageiros. Desde que pudesse ter as almas dos pobres pagãos que viviam em profunda ignorância para além da umidade nebulosa do cabo Bojador, abandonaria de bom grado aos mercadores os lucros provenientes das barganhas com os mouros selvagens”.

Figura 2 - Infante D. Henrique na conquista de Ceuta, em 1415.



Fonte: Azulejos de Jorge Colaço no Centro Cultural Rodrigues de Faria.

No mesmo sentido, Sérgio Buarque de Holanda escreve:

“[Um fator que deu] aos descobrimentos a tônica e um colorido particular [foi a] fé. O espírito da cavalaria e das Cruzadas permanecia vivo e atribuída aos portugueses a missão de cristianizar os povos chamados “bárbaros”. Assim, a cruz de Cristo uniu-se à espada do Estado e ao dinheiro do mercador, completando o quadro para os descobrimentos (...) a catequese auxiliou a administração (...) e o trabalho de conversão, incorporado às navegações, deu-lhes uma justificativa moral. Por isso, elas surgiram grandiosas e épicas, quase místicas, com o sabor de santificada aventura, para nas palavras de camões, ir “mais do que prometia a força humana”²².

Com efeito, Dom Henrique era da dinastia de Avis e membro da Ordem de Cristo. E disto depreende-se:

“O momento fundamental para o futuro da Ordem surge com a nomeação do Infante D. Henrique, Duque de Viseu, como “governador e administrador”. O célebre Infante, senhor de grande parte das terras do Reino, não podia fazer voto de pobreza, tendo por isso sido criado o novo cargo [os Grão-Mestres da Ordem cavaleiros professos com voto de pobreza].

Sendo função do Infante a administração dos bens da Ordem, não surpreende a utilização dos seus importantes recursos no grande desígnio nacional que eram então os Descobrimentos. A Cruz de Cristo,

²⁰ CAMINHA, op. cit., p. 57 - 58.

²¹ LOON, Hendrik van. *América*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1957, p. 23.

²² HOLANDA, Sérgio Buarque (org.). *Grandes Personagens de Nossa História. Brasil Colonial - 1500 - 1808*. São Paulo: Abril Cultural, 1969, p. 22.

símbolo da Ordem, conquistou os mares desconhecidos, erguida nas velas das caravelas portuguesas, tornando-se um dos mais reconhecidos símbolos nacionais.

A Coroa Portuguesa exercia, por isso, um total controlo sobre a Ordem de Cristo, muito embora a Santa Sé a continuasse a tratar como ordem religiosa. Por este motivo, a Ordem passou a exercer não apenas a administração espiritual sobre os territórios descobertos, mas também a administração temporal, o que lhe deu um vigor singular.”²³.

Camões, n’Os Lusíadas também fala de Dom Henrique (e seus irmãos), na estância 50 do Canto IV:

“Não consentiu a morte tantos anos
Que de herói tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do céu supremo quis que povoasse.
Mas, pera defesa dos lusitanos
Deixou Quem o levou quem governasse
E aumentasse a terra mais que dantes:
Íclita geração, altos Infantes”²⁴.

De fins do século XV em diante, Portugal expande seus domínios pelos continentes da Terra. Suas caravelas cruzaram os mares, levando a bordo homens, mulheres e crianças; exploradores e comerciantes; militares, religiosos e pesquisadores; todos com seus sonhos e esperanças, mas que muitas vezes encontraram o medo e a morte. As caravelas portuguesas, com suas velas ostentando a cruz da Ordem de Cristo, chegaram em quase todos os continentes. E há quem diga que até na Austrália, Estados Unidos e Canadá estiveram²⁵!

Fernando Pessoa mui bem resume a saga portuguesa em o Mar Português:

“Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mãos choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

E vendo o mapa por onde o pequeno Portugal passou, naqueles idos dos séculos XV, XVI e XVII, com os meios que tinha, com o que se conhecia do mundo, realmente se nota que foi um povo bravo, certo de que deveria levar sua fé aos confins do mundo e expandir seus domínios, pagando o preço que tivesse de pagar, para construir o seu legado. Seguiram o *motto* de D. Henrique: *Talant de bien faire*²⁶. Isto é, cumpriram bem sua missão porque tinham vontade de assim o fazer!

²³ Ordem Honoríficas Portuguesas. A Ordem de Cristo. Site da Presidência da República Portuguesa. <http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=120>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

²⁴ CAMÕES, op. cit., p. 289.

²⁵ Um canhão utilizado pelos portugueses, no século XVI e que foi achado em 2010 da Austrália, levantou a suspeita de que os portugueses teriam chegado ao Novíssimo Continente antes dos holandeses e ingleses. Ver artigo em <https://www.businessinsider.com.au/a-cannon-could-prove-the-portuguese-made-it-to-australia-before-the-dutch-and-english-2014-5>. Acesso em 10 de novembro de 2018. Quanto aos Estados Unidos, há a polêmica sobre a Pedra de Dighton, na qual há afrescos que lembram símbolos do reino de Portugal e uma data: 1511. No Canadá, a comunidade portuguesa, por meio do Real Canadian Portuguese Historical Mudeum sustenta que o explorador João Vaz Corte-Real esteve na região em 1473!

²⁶ Hoje é a divisa da Marinha portuguesa.



Figura 3 (acima) - Locais onde os portugueses chegaram durante sua expansão.

Fonte: Academic (para ver o mapa maior: <https://bit.ly/2JX2Jqs>)

Pessoa outra vez resume o espírito do povo português daquela época em seus versos: “Navegar é preciso; viver não é preciso”, pois, como disse Camões: “(...) se mais mundo houvesse, lá chegariam.”²⁷.

Era comum os portugueses colocarem um “padrão” nas terras que iam sendo descobertas e que assinalava a posse daquela terra para a coroa portuguesa. No Brasil, o mais antigo é o Marco Quinhentista, datado de 1501, em Touros, RN.

Figuras 4 e 5 - Marco Quinhentista, Brasil, com a cruz da Ordem de Cristo em alto relevo, e a colocação de um padrão.



Fonte: IPHAN e azulejos de Jorge Colaço no Centro Cultural Rodrigues de Faria.

Hoje, 603 anos depois da conquista de Ceuta, Portugal ainda usa a Cruz da Ordem de Cristo como *roundel* das suas aeronaves militares e seu navio representativo, o NRP Sagres, veleja com elas nas suas velas!

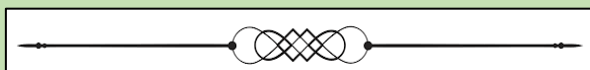
Figuras 6 e 7 (abaixo) - F-16AM da FAP e o NRP Sagres.

²⁷ CAMÕES, op. cit., p. 429.



Fonte: Forças Armadas portuguesas.

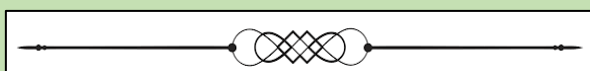
*"Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena".*



VOCÊ SABE O QUE É "MEIRINHO"?

Meirinho ou Meirinho-mor:

- do latim "majorinus";
- magistrado encarregado de aplicar a justiça aos nobres e fiscalizar a aplicação da justiça nas terras senhoriais;
- antigo funcionário judicial correspondente ao oficial de diligências atual;
- antigo magistrado de nomeação régia, e que governava amplamente um território ou comarca;
- nas antigas tropas coloniais no Brasil existia a figura do meirinho, como encarregado de fiscalizar a disciplina militar.



A origem do nome do Rio Grande do Sul

Conforme o historiador militar Coronel Jonathas da Costa Rego Monteiro em seu livro *A Colônia do Sacramento* (Porto Alegre: Globo, 1937), a viagem da esquadra de Martim Afonso de Souza ao sul do continente foi em janeiro de 1531.

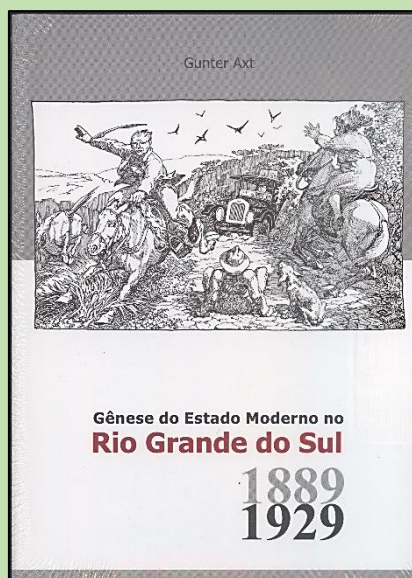
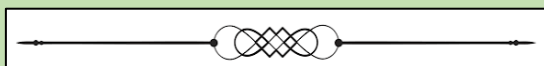
Nesta viagem, Martim Afonso determinou à caravela Santa Maria que navegasse ao longo do litoral e próxima dele, penetrando nas embocaduras dos rios, para "procurar possíveis naufragos" do

bergantim de Pero Lopes de Souza, seu irmão, embarcação *"que perderamos de companhia quando íamos para o rio"* (rio da Prata).

Esse bergantim teria se separado da esquadra na altura do Rio Grande...

...por consequência acima do Chuí, sendo forçadamente o primeiro rio explorado o que lhe ficava a 32°, que outro não era senão o Canal da Lagoa dos Patos. A largura do Canal, sua extensão e correnteza, traria a ideia de caudaloso rio, e como tal foi tomado e reconhecido, o batizou o comandante da caravela com o nome de rio de São Pedro ou Pero, e como nenhum Santo Pedro é venerado no mês de janeiro, foi o nome do segundo chefe da expedição, Pero Lopes de Sousa, irmão do Capitão-mor, e que tanto se tinha destacado nela, acudindo a todos pelo temporal no Prata, como já vimos, que ocorreu, e essa merecida homenagem, ligada à santificação, tão comum na época, foi assim prestada a quem com tanto lustre era o segundo chefe nato da expedição (Rego Monteiro, 1937, p. 24).

Portanto, à viagem de Martim Afonso se deve o nome de batismo do Rio Grande de São Pedro, ou seja, o nome do irmão dele - Pedro, ou Pero, mais tarde Rio Grande do Sul. Conclusão à qual chegaram os dois coronéis historiadores Jonathas da Costa Rego Monteiro e Emílio Fernandes de Souza Docca, ambos Membros-Efetivos do IHGRGS.



Obra adquirida pela AHIMTB/RS

Ao lado, a primeira capa do livro:

AXT, Gunter. Gênese do Estado Moderno no Rio Grande do Sul 1889-1929. Porto Alegre: Paiol, 2011.

O livro está à disposição dos integrantes da Academia.

EDITOR:

**LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS
CEL INF EM PRESIDENTE DA AHIMTB/RS
LECAMINHA@GMAIL.COM**

SITES:

WWW.AHIMTB.ORG.BR

WWW.ACADHISTORIA.COM.BR

SITE DO NEE/CMS: WWW.NEE.CMS.EB.MIL.BR

SITE DO NÚCLEO MILITAR DE GRAMADO: WWW.NUCLEV.COM

BLOG DA DELEGACIA DA AHIMTB/RS EM CRUZ ALTA:

HTTP://ACADHISTORIACRUZALTA.BLOGSPOT.COM.BR/